

40 ANOS DE FORMATURA EM ENGENHARIA CIVIL

José Maria Filardo Bassalo

Departamento de Física
Centro de Ciências Exatas e Naturais
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Campus Universitário do Guamá
66075-900 - Belém, Pará, Brasil
www.amazon.com.br/bassalo

No dia 8 de dezembro próximo passado completei 40 anos de formação em Engenharia Civil, ~~em~~ ~~Escuela de~~ ~~Engenharia do Pará~~ ~~(este)~~ ~~artigo~~, vou contar algumas histórias (e estórias) que marcaram profundamente o meu estudante universitário nessa Escola. Para isso, usarei a memória e os colegas Alberto Coutinho do Amaral e Ivens Coimbra Brandão ~~prepararam~~ ~~sob~~ ~~1954/1958~~ ~~Registre-se~~ ~~que~~ ~~o~~ ~~texto~~ ~~do~~ ~~Amaral~~ ~~está~~ ~~inédito~~, e o do Ivens foi A Província do, Pará ~~de~~ ~~15~~ ~~de~~ ~~dezembro~~ ~~de~~ ~~1998~~.)

Em fevereiro de 1954, 103 candidatos ~~sempre~~ ~~vestibular~~ para o Curso de Engenharia Civil da EEP, que funcionava em um prédio Travessa Campos Sales, número 484, esquina com a Rua Senador Manoel Bara

O Exame Vestibular constava de provas em quatro disciplinas: Desenho, Matemática, Física e Química. Enquanto a prova ~~de~~ ~~Desenho~~ realizada no dia 2 de fevereiro, era única e eliminatória, com a nota mínima quatro (quatro dez), as três provas restantes eram compostas de duas etapas: escrita dessas provas era examinada ~~por~~ ~~um~~ ~~examinador~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~constituída~~ ~~de~~ ~~três~~ ~~professores~~. Minhas notas, nesse Exame, foram, respectivamente: 10, 6, 5 e 6.

Em março de 1954, iniciamos o Curso de Engenharia Civil, eu e os seguintes colegas: Alberto Coutinho do Amaral, Athos Emmanuel Mendonça, Carlos Mattos Serruya, Cláudio de Lima Reis, Darcy Botelho dos Santos, Rocha, Fausi Said Sanjad, Iracy de Oliveira Rodrigues, Ivens Coimbra Brandão, Oliveira Ferradaes, João Luiz Barreiros de Araújo, José Fernandes Dias de Seixas Bona, José Maria Pinheiro de Souza, José Ruy Moussallem Pantoc, Laurindo Antônio Gonçalves de Amorim, Lúcia Daltro de Viveiros, Manoel Silva, Mário Tereso Lopes, Omar Said Sanjad, Otávio Rodrigues da Costa, Coutinho de Oliveira, Pedro Paulo Antônio Miléo, Raimundo Nonato da Costa, Renato José Duarte Sidrim, Rodolfo Pereira Dourado Neto, Samir Said Sa Nunes Élleres da Silva, Walton Vieira Nóvoa, Wilson Constantino de Araújo, Yonildo Wladimir Tobias da Costa. Durante os cinco anos do Curso, incorporando, à nossa turma de 1954/1958, os seguintes colegas: Heitor Filho, Heber Rodrigues Compasso, Pedro Entreña Parra e Rodolpho Abel de B

É oportuno registrar que também foram aprovados no Vestibular fizemos, o general Geraldo Daltro da Silveira e os majores Alves da Benchymol, todos do Exército, e o capitão José Sanches, da Marinha, e

aprovado em primeiro lugar. Contudo, eles não fizeram parte de nossa turma matriculada em 1953. Por já terem realizado, em seu correspondente Curso, as disciplinas básicas que compunham o Curso de Engenharia Civil, correto dois primeiros anos desse Curso.

Durante o Trote Geral de Calouros que saía da Faculdade de Medicina, situada no Largo de Santa Luzia (onde se encontra até hoje) e ao lado do Governo Estadual (onde hoje é o Museu do Estado), passando por algumas ruas principalmente onde se localizava o jornal "A Gazeta" (Rua Gaspar Vianna), Província do Paraná (atualmente Paravessa Campos Sales), houve um problema com o Exército Brasileiro. O general Inácio José Veríssimo, Comandante da 1ª Brigada Militar, esta sediada no Quartel General, situado na Praça da Bandeira, fez um almoço patrocinado pelo Sindicato de Jornalistas, em dezembro de 1953, o qual foi um sucesso. O voto de um general é melhor do que o de uma lavadeira.

Ora, como a característica principal da estética política, essa fala deu ensejo a que, entre os diversos cartazes críticos que com o tempo houvesse um com os dizeres do general: 60 pontos; Voto do Coronel: 50 pontos; Voto do Trabalhador: 0 ponto; Voto da Lavadeira: 0 ponto. Total: DITADO MILITAR. Durante o percurso do Comando Geral da União Acadêmica Paraense (UAP) recebeu solicitações do Exército Brasileiro (EB), através da Polícia Militar para que o referido cartaz fosse retirado do cortejo. (Lembro-me de haver um cartaz, em um certo trecho do cortejo.) Como o Comando não acatou a solicitação do próprio EB, através de sua Polícia, desfez o cortejo e não chegou ao Palácio do Governo, impedindo, dessa forma, os tradicionais discursos e a situação política brasileira encerrassem a manifestação estudantil.

O resultado dessa selvajaria foi registrado nos jornais do Paraná com a foto do então veterano acadêmico de Direito, José Otávio Seixas (já falecido), mostrando a sua camisa toda ensanguentada, devido a um ferimento na cabeça, produzido pelo cassetete de um brioso soldado vestido de verde oliva em Brasília, em 1965, e em São Paulo, em 1968, fui vítima de novos disparos de soldados do EB. Porém, essas estórias ficarão para uma outra oportunidade.

Por falar em trote quero destacar que a prática atual de cortar os cabelos dos calouros foi introduzida por Lóriwal Rei de Magalhães, de quem faleceu recentemente, e por mim, por volta de 1956. Assim, durante o trote interno da EEP daquele ano, faltou no dia marcado para o mesmo. Quando ele chegou à EEP para as aulas normais, o recepcionamos com uma tesoura, sugerida por mim, bem tratada cabeleira.

Durante os cinco anos seriados do Curso de Engenharia Civil tivemos alguns problemas relacionados com as disciplinas que compunham o Currículo. Já no primeiro ano, surgiu o problema deles. Desde a criação do Curso de Engenharia, em 10 de abril de 1931, Física e Matemática faziam parte do currículo. Contudo, com a morte dos professores que as ministravam, respectivamente, Manoel Leônidas de Albuquerque e Pedro Fabri, alguns tópicos de ambas as disciplinas foram precariamente ensinados em outras cadeiras. Por exemplo, em 1953, alguns tópicos de Física foram ministrados na Disciplina de Física e Matemática e de Geometria Analítica e de Física ministrada por Renato Pinheiro Condurú. Assim, no começo de 1954, o Diretório Acadêmico da EEP lutou para a reativação da mesma, o que aconteceu no segundo semestre desse ano, sendo Miguel Paulo Bitar o indicado para

As cadeiras restantes e respectivos professores do Curso de Engenharia Civil foram: Cálculo Infinitesimal (Trivalino Guapindaes), Desenho à Mão Livre (Milton de Abreu e Souza), Complementos de Geometria Descritiva, Elementos de Geometria Projetiva, Perspectiva e Aplicações (Mário Correia Alvim), Geologia Econômica e Noções de Metalurgia (Uláudio Lins de Vasconcelos Chaves).

Já neste Primeiro Anom tivemos contato com uma prática tornou constante durante os cinco anos do Curso: a falta de alguns professores e exemplo, os grandes afazeres políticos e profissionais do Professor Cl levou a ministrar apenas UMA aula durante todo o ano letivo de 1954 semestrais de sua disciplina foram passadas por um outro professor. Lembro aula, invocando um teorema matemático, Meis afirmou: vocês queiram ou não, esse teorema garante que a Terra tende para um tetraedro!

Estórias jocosas não faltavam em Anom. Embora tivéssemos uma turma de estudo fixa (Pinheiro, Amorim, Bona, Wilson e eu), que se noites na casa do Pinheiro, na Rua Veiga Cabral, próximo da Travessa São vezes, íamos estudar também na casa de outros colegas. Certa noite Geometria Analítica casa do Ferradaes. Como seu pai era bastante cuidadoso estudo do filho, ele não permitia que pudéssemos descontrair um pouco. De por algumas horas, começamos um jogo de bingo para relaxar. Contudo, para desconfiasse de que estávamos jogando, cantávamos os números das pedras maneira: "vetor" 5, "vetor" 8", "vetor" 42 etc. Passando pela porta de est cantoria esquisita e ``pensou" que alguma coisa não estava bem. Abrindo a de estudos nos flagrou com cartelas e o saco das pedras do Bingo. Olhou-n Malandros, então é esse o estudo de vocês, e saiu. Continuamos a jogar agora, sem o apelo "vetorial".

Outro fato ocorreu na casa do Ivens, no largo de Nazaré, antigo Restaurante Plaza. Para a descontração do estudo foi realizada uma sessão de hipnotismo, comandada pelo próprio Ivens. Lembro-me do Bona, hipnotizado urgentemente um casaco de frio, pois o Ivens o havia induzido a sentir frio.

É interessante registrar que o ano de 1954 foi marcado por um acontecimento histórico brasileiro: o suicídio do Presidente Getúlio Vargas em agosto desse ano. Também nesse mesmo ano, o Brasil disputou a Copa Mundial de Futebol e ganhou pela Alemanha.

No Segundo Anom em 1955, as disciplinas e respectivos professores foram: Física I (Djalma Montenegro Destino), Desenho Técnico (Camilo Porto de Oliveira), Mecânica Precedida de Elementos de Cálculo (João José Justiniano Freire), Topografia (João Dias da Silva). Outra vez, o estudo da física foi interrompido em virtude da doença e morte da esposa do Professor Djalma, ocorrida no primeiro semestre letivo. Assim, só tivemos aulas dessa disciplina no segundo semestre. Desse modo, a carga básica que deveríamos aprender para a parte profissional do Curso de Engenharia (CEC) foi reduzida de quatro para dois semestres Anom no Segundo Anom.

O mecanismo de aprovação nas disciplinas do CEC era o seguinte: no final de cada semestre havia uma prova. Se o aluno obtivesse 14 pontos, era aprovado. Entre 10 e 13 fazia uma prova oral. Entre 7 e 9 realizava uma prova escrita. Entre 4 e 6 fazia uma prova oral. Entre 0 e 3 não passava. Esta geralmente em fevereiro do ano seguinte. Se o caso de o aluno tirar entre 0 e 3, ou não passar na segunda época, tinha que fazer uma terceira época.

reprovado em até duas disciplinas, as quais ele realizava, conjuntamente, do ano subsequente. Nesse caso, dizia-se que vendia um curso para a "rádio cipó" anunciou nos vários anos de existência da EEP que alguns alunos nessa Escola devendo o Vestibular.

Vamos a uma das estórias. Segundo Ano Como eu tinha tirado 4 na primeira prova semestral de Topografia, precisava tirar 10, se quisesse média. Pois bem, além do Professor Dias da Silva, a disciplina era auxiliada pelo Terceiro Anão Lóriwal Magalhães, meu colega de infância e, posteriormente Serviço Municipal de Estradas de Rodagem (SMER), foi o Lóriwal quem me indicou para trabalhar nesse Órgão Rodoviário Municipal.) Assim, no dia um pouco antes do início da mesma, tirei um papel amassado do bolso do cesto de lixo do Lóriwal. Nele, certamente, estavam as três questões que eu próprio as havia formulado. Lembro-me apenas de uma delas: a declinação magnética de Belém vale tanto (dei o valor), calcular a altura da montanha quando subimos para fazer a prova, meus colegas, ao tomarem conhecimento das questões totalmente diferentes das suas, começaram a sair correndo. Como havia estudado bastante, terminei a prova e fui para casa. Como ministrava aula de Física. Tirei 10 na prova acima referida.

Em 1955, a EEP foi palco de um fato inusitado para a Escola paraense. Nesse ano, o general Joaquim Cardoso de Magalhães Barata assumiu a direção do Estado do Pará. Essa Escola era estadual e dirigida então pelo Professor Dias da Silva, que, além de advogado, era coronel de Engenharia do Exército Brasileiro e havia sido adversário político do general Barata, por conclusão favorável ao movimento Constitucionalista de 1932, o Governador Magalhães Barata aproveitou a oportunidade de, ao visitar um próprio estadual, fazer as pazes com seu antigo adversário. Em virtude dessa atitude, os estudantes da EEP, que se prepararam para o vestibular do Governador, ficaram calados e comovidos com a fala do Chefe do Estado sobre a origem humilde do Professor José Dias da Silva, impedido de construir uma vida militar exemplar. Registre-se que esse professor, então estudante contemporâneo da Escola Militar, foi patrocinado pelo Professor Castro Pereira, amigo comum de ambos.

No Terceiro Ano em 1956, as disciplinas e seus respectivos responsáveis foram: Resistência dos Materiais e Grafostática (Salveira Brodeur), Física Elementar e Astronomia de (Raimundo Rodrigues Pereira), Mecânica Aplicada, Bombas e Motores Hidráulicos (Antônio Ferreira Celso), Química e Tecnológica e Análise (Raimundo Felipe de Souza). Como o Professor Ferreira Celso já se encontrava bem idoso, o Diretório Acadêmico iniciou uma luta para substituí-lo. Isso aconteceu no segundo semestre quando, então, José Chaves Camacho o substituiu na disciplina de Física.

Nossa turma, na sua maioria, era constituída de alunos que haviam estudado nos quatro principais Colégios de Belém (onde estudei), Colégio Moderno, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora do Carmo e Colégio Emovista. Em novembro do Segundo Ano a turma era composta de vários "grupos", reunindo nos mesmos grupos que estudaram nesses Colégios. Contudo, como queríamos um ensino de melhor qualidade, começamos a pensar de maneira unívoca na busca desse objetivo. Em 1956, já éramos uma turma homogênea, homogeneidade que só foi rompida, em 1957, no ano de formatura, conforme veremos adiante.

Até 1955, era uma prática quase corrente na EEP a marcação para as provas semestrais ~~Astronomia~~ ~~Disciplina~~ que o Professor Raul Pereira exigia o que ensinava. Em vista disso, a nossa turma resolveu que, a partir de então, seria abolida. Apesar de pequenas discordâncias entre alguns alunos, nestas provas foi marcado. Anos mais tarde, quando eu ensinava nessa Escola, um de seus antigos, o lendário Manoel, me disse que a nossa atitude havia sido em parte a prática havia voltado.

Pelo menos, duas estórias curiosas aconteceram nesse ano protagonizadas por Cláudio de Lima Reis. Este estimado colega, (ganhador da Importadora de Ferragens ~~Sr. Ser~~ o melhor aluno do Curso de Engenharia Civil) morreu de fome na mata amazônica, no começo da década de 1960, depois de um acidente de aviação, quando dirigia a construção da estrada de rodagem. Ele, sem o saber, caminhou, até morrer, paralelamente ao desmatamento que se abria para construir a referida estrada.

Estávamos fazendo a primeira ~~Resistência de Materiais~~ com o Professor Ruy Britto. Tratava-se de calcular os esforços cortantes e momentos fletores de viga-contínua "quilométrica", conforme salientou Alberto Amara no texto acima mencionado. Em um determinado momento, Cláudio levantou-se e pediu permissão para "filar" um cigarro, ~~com o mesmo filtro~~ (portava um filtro), do Mestre Ruy, como o chamávamos, para poder "trafegar na viga", concluiu. O Professor Ruy deu permissão.

De outra feita, estávamos no antigo ~~Centro de Preparação~~ de Oficiais da Reserva (COPR) que funcionava no Quartel do Exército Brasileiro, na Igreja de Nazaré, assistindo a uma aula prática de Astronomia, com o Professor Raul Pereira. Era uma noite de outubro ~~em Nazaré~~ ~~o término da missa que~~ ocorria naquela Igreja, todas as noites, era anunciado com a soltura de varetas caíam no campo de futebol desse Quartel, onde o Professor Raul ensinava a calcular a latitude e a longitude de Belém, olhando o céu de intermédio de um teodolito. Depois de observar as estrelas, o Cláudio desafiou para uma luta de "espadas". Claro que aceitamos esse desafio. O Professor Raul naquele duelo de espadachim regional, virou-se para o público e perguntou: "arranjam tanta molecagem para fazerem a aula estava terminando, arregaçem as mangas, e entrou na peleja como um verdadeiro".

Para mim, esse ano de 1956 foi marcante. Foi a primeira vez que fiz uma viagem de avião. Como houve uma enchente fora do comum na cidade de Belém designados pela Diretoria Acadêmica da EEP, presidido por José Maria de Souza, solicitação da União Acadêmica Paraense (UAP), presidida pelo acadêmico Oziel Carneiro, Loriwal e eu fomos até aquela cidade paraense, num avião Cruzeiro do Sul, para projetar a Nova Marabá, que, segundo depoimento do Loriwal, já construída e ainda se encontra lá. Eu, contudo, nunca a vi fora da planície que projetamos.

No Quarto Ano do Curso de Engenharia Civil, em 1957, as disciplinas que cursamos e seus respectivos professores foram: ~~Materiais~~ ~~Construção~~, Tecnologia e Processos Gerais de Construção de ~~Canais~~ de Castro Pereira e ~~Estabilidade~~ ~~de Terra~~ (Ferro e de Rodagem Luiz Gonzaga Bagatini), ~~Estabilidade das Construções~~ (João Lima Paes), ~~Hidráulica Teórica e Aplicada~~ (César de Oliveira). Esse ano foi

mais dramático para a nossa turma, e marcou a sua cisão, completada no como veremos a seguir.

Diversos afazeres profissionais do Professor Alcides Batista que lecionava hidráulica levavam-no a não preparar as suas aulas, conforme dev vista disso, os temas que ele abordava em sala eram insuficientes para pr sentido de entender a disciplina de Mar, Rios e Canais. Durante o ano pelo Professor Angenor Porto Penna de Carvalho, que era muito competente de suas obrigações docentes e, portanto, exigente.

Assim, logo no início da 1957, a turma comunicou ao Diretor Professor Djalma Duarte, e ao seu Conselho Técnico, que não gostaria de Alcides regendo a disciplina. Esse Conselho não acatou nossa decisão resolveu manter o Professor Alcides. Como represália, resolvemos não a aulas, na esperança de ele ser substituído. Com o decorrer do tempo e r medição de forças, o Conselho resolveu que deveríamos realizar a pro marcada para o final de maio daquele ano. Numa atitude extrema, a turma, do Ferradaes e do Dourado, com o apoio do Diretório Acadêmico, presidi colega João Luís, vedou a entrada principal da EEP com uma parede de tijo

Durante alguns dias, o prédio da Escola foi protegido pe Estadual, enquanto o impasse não fosse resolvido. Felizmente, o Profess uma licença ao então Governador General Barata, que a concedeu. Assim, fo temporariamente, pelo Professor Ruy Britto, com quem fizemos a prova prim No segundo semestre, o Professor Alírio passou a reger essa disciplina, a

Por fim, chegamos ao ano em 1958, no qual cursamos as seguintes disciplinas, ministradas pelos respectivos professores: Motores Térmicos (Stávio Bitencourt), Organização Industrial, Contabilidade Pública e Industrial, Direito Administrativo (João Leão Lima e Demócrito Noronha), Estatística, Economia Política (Hortêncio Cabral), Higiene Geral, Industrial e dos Edifícios, Saneamento e (Lourivalde Cidade de Oliveira), Construção Civil e Arqui (Feliciano Seixas), Florestas, de Mar, Rios e Canais (Angenor Porto Penna de Carvalho), Grandes Estruturas Metálicas e em Concreto Ar (Naldo Delgado Bentes Fortunato).

Nesse ano de 1958, embora fugindo ao escopo do artigo, val registrar a seguinte estória que marcou o espírito esportivo do povo bras quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai, na presença de ma pessoas, no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, os brasileiros esper "maior futebol do mundo" fizesse por merecer esse título. Em 1954, l eliminados da Copa para os comandados de Puskas e seus colegas húngaros. a presença do magistral Didi (Botafogo) e da "enciclopédia futebolística (Botafogo), os brasileiros esperavam, finalmente, que se registrasse a taça que foi nessa Copa que surgiram os lendários Pelé (Santos), Garrincha (B (Vasco da Gama).

Como ainda não era hábito parar o Brasil para assistir jog do Mundo, recordo-me que, em junho de 1958, enquanto fazíamos a prim semestral da disciplina o Brasil jogava com a França, de Raymond Kopa e Fontaine. Na medida que os comandados de Didi iam fazendo gol na Fran ganhamos por 5 x 2), anunciados pelo jornal da cidade, situada no mesmo local onde hoje ainda se encontra, nos esforçávamos para terminar logo a p

festejar a vitória brasileira. No jogo final dessa Copa, o Brasil venceu Suécia, também de 5 x 2 e, com isso, Jules Rimet pela primeira vez. É oportuno registrar que no dia em que fazíamos a previsão de que, depois de 40 anos, a França, comandada por Fabien Barthez e Zinedine Zidane, vingaria a derrota sofrida naquele dia e derrotaria o Brasil, por 3 x 0 (conquistando a Copa do Mundo de 1998).

Foi também em 1958, conforme registrei acima, que se comprou a comissão da turma devido a dois incidentes. O primeiro ocorreu com o Professor Hildelgado. Durante muito tempo, este Professor afirmava que uma viga bi-apoiada, com o eixo em balanço, formava um sistema hiperestático. Contudo, havíamos aplicado a disciplina de Resistência dos Materiais que mesmo era isoestático. Tratava-se de uma questão conceitual. Assim, na véspera do dia em que seria ministrada a disciplina, o nosso novo grupo de estudos (Pinheiro, Darcy, Walton, Wilson, Amorim, Bona, João Luís e eu) preparou antecipadamente a aula, para tentar convencer o Professor Hildelgado de que a sua interpretação conceitual do problema era equivocada, muito embora o resultado final fosse o mesmo.

No dia seguinte, quando o Professor Hildelgado entrou em sala para ministrar sua matéria, João Luís levantou-se e pediu permissão para demonstrar a questão conceitual relatado acima. No meio de sua exposição, muitos de nossos colegas se levantaram e, em sinal de protesto, se retiraram de sala, acusando a mim e ao João Luís. Durante algum tempo as paredes internas da EEP registraram o barulho causado com os canais João Luís e Bona. Posteriormente, esse incidente produziu alguns desdobramentos desagradáveis, cujos reflexos se manifestaram na Colação de Início de Curso. A Banquete dos Anos na Igreja de Nazaré, a Jantar da Comunidade Eclesiástica da União Espírita Paróquia da Entregada do Graú, o Prémio da Associação Comercial do Paraná, a Festa de Congratamento no Teatro da Paz. Por exemplo, eu próprio não participei desta festa com medo de represálias de alguns colegas.

Até o advento da Reforma Universitária de 1970, quando encerrado o regime seriado e, com isso, acabaram-se as tradições de homenagem aos professores de medicina, engenharia, direito, etc., cada turma de colandos escolhia o professor-parceiro, o aluno-orador e alguns professores e autoridades públicas para serem homenageados. Quando o Quadro de Formatura da Página de Jornal fazia parte ainda desse ritual, a comunicação oficial da homenagem na casa dos professores escolhidos era de regra, recepcionavam os estudantes com bebidas e comidas.

Pois bem, nossa turma, para mostrar que o incidente com o Professor Hildelgado havia sido superado, o escolheu como um dos homenageados. João Luís, "comes e bebes" em sua casa, na Rua Aristides Lobo, João Luís, orador da turma, falou algumas palavras sobre o motivo da homenagem. O Professor Hildelgado, contudo, ao responder, referiu-se àquele incidente, e justificou-o dizendo que devia ao fato de que, de um modo geral, os estudantes de sua disciplina tinham dificuldades em compreendê-la por lhes falta base em outras disciplinas. Decepcionados, saímos da festa e fomos discutir, em baixo da marquise dos Comerciários, na Avenida Presidente Vargas com a Rua Osvaldo Cruz, o que aconteceu. Às quatro horas da manhã, depois de muita discussão, a maioria dos alunos apoiaram a atitude do Professor Hildelgado e outros, minoria, dentro da turma de estudos se incluía, não aceitaram essa atitude. Com isso, acabou começando a tomar forma irreversível.

conhecido médico Adriano Guimarães, na Rua Arcipreste Manoel Teodoro, ac João nessa "v. infelizmente, João não se encontra mais entre nós. Dele, lembrança de sua aguçada inteligência, manifestada no convívio que ambos colegas de estudo e sócios de escritório de Cálculo Estrutural de um livro intitulado "Atividade de E. Terradas e R. Ortiz (Espasa-Calpe Argentina, S. que me emprestou e que acabei incorporando à minha biblioteca.

Creio ser oportuno dizer que realizamos o cálculo da estrutura em concreto armado em um edifício situado na Avenida Senador Manoel Barata com a Travessa Primeiro de Março, para o qual usamos, de maneira em Belém, a técnica de Ruptura uma abordagem nova nesse tipo de cálculo.

Durante os 40 anos de nossa Colação de Grau, a vida foi de os 36 engenheiros civis formados em 8 de dezembro de 1958. Uns morrer mudaram de domicílio, no entanto alguns passaram a ter um convívio mais exemplo, até o ano de 1965, quando resolvi estudar Física em Brasília, estrutural do Escritório do Laurindo Amorim. Também por essa época, Faus João Luís e eu, chegamos a realizar o cálculo estrutural de alguns edifícios extintos. Fui colega de trabalho do Dourado. Na Universidade Federal de colega de magistério do Alberto Amaral, do Ruy Pantoja, do Paulo Sérgio saudoso Wilson Ferreira e do Ivens Brandão. Este, como eu, escreveu livros ensinamos na UFFA, respectivamente: Armado e Física

Ao concluir esse pequeno depoimento em nome dos Engenheiros Civis de 1958 quero dedicá-lo à memória dos colegas de Belém: REIS, IRACY DE OLIVEIRA RODRIGUES, JOÃO DE OLIVEIRA FERRADAES, JOÃO LUÍS BARREIROS DE ARAÚJO, JOSÉ IVO DE SEIXAS BONA, LAURINDO ANTÔNIO GONÇALVES DE AMORIM, RENATO JOSÉ DUARTE SIDRIM, WALTER NUNES ÉLLERES DA SILVA e WILSON CONSTANTINO DE ARAÚJO FERREIRA.